



ATAQUES EM CABO DELGADO

Estados Unidos dizem que há problemas locais que estão a ser explorados pelos terroristas

Créditos: Stars and Stripes

A partir de Stuttgart, Alemanha, o Major-General Dagvin Anderson, Comandante do Comando de Operações Especiais dos EUA em África, falou do terrorismo no continente africano, na conferência de imprensa realizada na semana passada. Respondendo a perguntas de jornalistas e do Centro para Democracia e Desenvolvimento (CDD) sobre o extremismo em Cabo Delgado, Dagvin Anderson começou por dizer que o Comando de Operações Especiais dos EUA em África está a trabalhar com a embaixada norte-americana em Maputo e com o Governo de Moçambique para uma melhor compreensão da dimensão da ameaça que cresce na província, o que ela significa para o país e para a região (SADC) e que tipo de medidas podem ser tomadas. Ainda assim, o Comandante do Coman-

do de Operações Especiais dos EUA em África não tem dúvidas de que existem problemas locais de desenvolvimento que estão a ser aproveitados pelos terroristas para expandirem a sua ideologia. "Estamos preocupados porque acreditamos que existe uma questão local, uma queixa local que agora está sendo aproveitada pelo Estado Islâmico em particular". O dirigente militar lembra que nos últimos 12 meses, os insurgentes desenvolveram as suas capacidades e tornaram-se mais agressivos, usando técnicas e procedimentos comuns em outras partes do mundo (Médio Oriente) e associadas ao Estado Islâmico. "Vimos comunicados que foram muito bem produzidos e muitos têm as impressões digitais e as marcas do Estado Islâmico. Portanto, acreditamos que existe uma conexão mais profunda. Acredita-

mos que o Estado Islâmico está envolvido - com essa facção que actua no norte de Moçambique - isto é, ISIS-Moçambique - e que eles estão tendo influência. Eles fornecem treinamento, educação e recursos adicionais"

O Major-General Dagvin Anderson explica que a forma como se desenvolveu a relação entre as queixas locais e a facção do Estado Islâmico em Cabo Delgado mostra que a situação poderá se expandir para outros países da região. "Moçambique precisa de liderar a luta, mas não será apenas Moçambique. Outros países da região precisam de engajar-se. Tanzânia, Malawi e outros precisam de ajudar, porque os terroristas não conhecem fronteiras. Eles vão atravessar fronteiras. Eles irão procurar refúgios onde puderem a fim de continuar a perturbar a região".

E porque o extremismo envolve problemas locais, Dagvin Anderson diz que a solução não é apenas militar. É preciso promover iniciativas locais de desenvolvimento, é preciso dar oportunidades aos jovens, é preciso reforçar a aplicação da lei. "Foi nessas áreas em que o Governo

dos EUA se envolveu e forneceu apoio a Moçambique. Algo que pode não parecer directamente relacionado, foi o apoio que demos a Moçambique depois dos ciclones (Idai e Kenneth). E a razão pela qual é importante se engajar é que se não fornecermos ajuda e assistência humanitária, os

extremistas violentos procurarão explorar isso, afastando a população do Governo e fornecendo uma narrativa alternativa e um meio alternativo", disse, lamentando que a comunidade internacional não se reuniu para ajudar Moçambique com um caminho a seguir após os desastres naturais.

EUA descartam envolvimento militar em Cabo Delgado e preferem ajuda ao desenvolvimento

Questionado sobre um possível envolvimento militar dos Estados Unidos no conflito em Cabo Delgado, o homem forte do Comando de Operações Especiais dos EUA em África respondeu afirmando que esse seria o último recurso. "Nós queremos manter isso o mais longe possível das forças armadas, porque existem vários meios de nos envolvermos na luta contra o extremismo violento, sobretudo para eliminar as suas condições subjacentes. Como disse anteriormente, estamos trabalhando com a nossa embaixada e o Governo de Moçambique para avaliar o que está acontecendo em Cabo Delgado, como isso está se desenvolvendo e qual seria a melhor maneira de nos envolvermos. É através do desenvolvimento? É através da aplicação da lei? O que podemos fazer para trazer outros parceiros?"

Alguns estudos apontam para a concessão de minas de pedras preciosas (sobretudo rubis de Montepuez) para o capital financeiro internacional associado às elites da Frelimo como uma das principais causas da marginalização de jovens que dependiam da mineração artesanal em Cabo Delgado. Impedidos de aceder às minas, milhares de jovens ficaram sem meios de sobrevivência e tornaram-se vulneráveis a aderir à qualquer ideologia que contesta o poder do Estado. Na conferência de imprensa, o Major-General Dagvin Anderson defendeu a necessidade de os Estados aproveitarem a "energia da juventude", dando educação e oportunidades. "E essa não é uma solução militar, é uma solução para todo o Governo, é algo que precisamos considerar como comunidade de nações. Como aproveitar a energia que a juventude traz".

Nos países africanos onde os EUA têm intervenção militar, a prioridade é treinar as forças locais não só em técnicas militares, mas também como podem proteger e envolver a população civil. "A guerra é um negócio sujo e desagradável, e as pessoas emocionam-se e cometem erros. Não é tanto o erro cometido que conta,



Créditos: Fundação AIS

é como um Estado responde a isso? Eles investigam isso? Eles responsabilizam as pessoas? E eles são transparentes na maneira como fazem isso? Tenho muito orgulho dos Estados Unidos porque fazemos isso. Cometemos erros ao longo da nossa história e não me orgulho desses erros, mas tenho muito orgulho de sermos abertos e transparentes sobre como tentamos consertar nosso sistema e torná-lo melhor. Não digo que somos perfeitos, mas digo que nos esforçamos para melhorar, e é isso que levamos para os nossos parceiros". O Comandante do Comando de Operações Especiais dos EUA em África defende que a transparência e responsabilização é que dão credibilidade às forças armadas e ajuda a "deslegitimar" o extremismo violento. Em Cabo Delgado tem havido queixas constantes sobre a actuação das Forças

de Defesa e Segurança (FDS), muitas vezes acusadas pela população de violência contra civis.


Apesar de admitir que as forças militares privadas podem ajudar na luta contra o extremismo violento, o Major-General Dagvin Anderson levanta algumas questões que tem que ver com a falta de supervisão das actividades dos mercenários no teatro das operações: "Existe uma preocupação com isso. Como é que você assegura ou como trabalha com a componente de direitos humanos? Como trabalham com as leis do conflito armado e quem está supervisionando a eles?" Em Abril último, o Governo contratou a empresa de mercenários Dyck Advisory Group para apoiar as FDS no combate ao terrorismo no norte de Moçambique, uma prática desencorajada pela União Africana e pelas Nações Unidas.



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para a Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beula
Autor: Emídio Beula
Equipa Técnica: Emídio Beula , Agostinho Machava, Ilídio Nhantumbo, Isabel Macamo, Julião Matsinhe, Janato Jr. e Ligia Nkavando.
Layout: CDD

Contacto:
 Rua Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
 Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: http://www.cddmoz.org

PARCEIRO PROGRAMÁTICO



PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

